

**REDE DE ENSINO DOCTUM
FACULDADES DOCTUM DE SERRA**

**BIANCA CECILIA TEIXEIRA DA SILVA
MARIA VICÊNCIA DE JESUS TEIXEIRA
SARA ALVES DO NASCIMENTO EVANGELISTA**

A PERCEPÇÃO DA PSICANÁLISE EM RELAÇÃO À HOMOSSEXUALIDADE

**SERRA
2018**

**REDE DE ENSINO DOCTUM
FACULDADES DOCTUM DE SERRA**

**BIANCA CECILIA TEIXEIRA DA SILVA
MARIA VICÊNCIA DE JESUS TEIXEIRA
SARA ALVES DO NASCIMENTO EVANGELISTA**

A PERCEPÇÃO DA PSICANÁLISE EM RELAÇÃO À HOMOSSEXUALIDADE

Artigo apresentado a Faculdades
Doctum de Serra, como requisito para
obtenção do título de Bacharel em
Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Me. Mariana
Sant'Anna Costa

**SERRA
2018**

A PERCEPÇÃO DA PSICANÁLISE EM RELAÇÃO À HOMOSSEXUALIDADE

Bianca Cecilia Teixeira Da Silva¹
Maria Vicência De Jesus Teixeira²
Sara Alves Do Nascimento Evangelista³
Mariana Sant'Anna Costa⁴

Resumo: O presente artigo teve por objetivo realizar uma revisão de literatura de natureza qualitativa a respeito do entendimento da homossexualidade pelo viés da Psicanálise, investigando as hipóteses levantadas pelos psicanalistas, em especial Sigmund Freud em suas obras. Constatou-se que dentro da Psicanálise não existiu uma noção única a cerca da homossexualidade. Freud rejeitava a concepção psicopatológica da homossexualidade, contudo verificou-se que existiram psicanalistas que adotaram um discurso discriminatório. Também se verificou que a percepção do psicanalista sobre a homossexualidade causa impactos na sua prática clínica. O estudo se propôs a ampliar as informações sobre a percepção do fenômeno da homossexualidade, tendo em vista que esse assunto ainda desperta questionamentos na sociedade e no âmbito profissional do Psicanalista e do Psicólogo.

Palavras-chave: Homossexualidade. Psicanálise. Psicologia.

Abstract: This present article had as goal a literature review of qualitative nature regarding to the understanding of homosexuality by the bias of Psychoanalysis, investigating the hypotheses raised by psychoanalysts, especially Sigmund Freud in his works. It was found that within psychoanalysis there was no single notion about homosexuality. Freud rejected the psychopathological conception of homosexuality, however it was found that there were psychoanalysts who adopted discriminatory discourse. It was also verified that the perception of the study proposed to enlarge the information about the perception of the phenomenon of homosexuality, considering that this subject still raises questions in society and in the professional ambit of the psychoanalyst and the psychologist.

Keywords: Homosexuality. Psychoanalysis. Psychology.

INTRODUÇÃO

O tema homossexualidade é antigo em nossa sociedade, anteriormente foi conhecido por sodomia, pedrastia, invertido, dentre outros, mas todos esses termos tinham a mesma função que era definir a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo. (TREVISSAN, 2007, apud, SANTOS, 2008). Apesar de antiga,

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade Doctum de Serra-ES, biancacecilia11@hotmail.com.

² Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade Doctum de Serra-ES, vicencia1980maria@gmail.com.

³ Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade Doctum de Serra-ES, saraievangelista@hotmail.com.

⁴ Mestre em Teoria Psicanalítica, Professora da Faculdade Doctum de Serra-ES, orientadora da pesquisa.

a discussão sobre homossexualidade não deixa de ser atual, pois desperta interesse em vários âmbitos da sociedade, como medicina, religião, justiça, direitos humanos e Psicologia.

Para dar início a esta reflexão recorreremos ao dicionário com o objetivo de buscar uma definição primária e informal sobre o conceito de homossexual. Segundo o dicionário Aurélio, o termo homossexual é “Relativo à afinidade, atração e/ou comportamento sexual entre indivíduos do mesmo sexo”, logo, homossexualidade é “Caráter de homossexual; homossexualismo, invertido”. (FERREIRA, 2004, p.1055). Mas compreendemos que para o estudo da Psicologia em particular, precisamos detalhar melhor o significado dessa palavra. A palavra homossexualidade passou a ser utilizada a partir de 1860 e foi criada pelo médico Karoly Maria Benkert que objetivou definir o amor carnal entre pessoas do mesmo sexo. Esse novo termo foi ganhando adesão entre 1870 e 1910 e substituiu denominações como inversão. (PLON; ROUDINESCO, 1998).

Araújo (2012), apresenta os significados que uma palavra assume quando usamos os sufixos ‘ismo’ e ‘(i)dade’, segundo a autora o sufixo ‘ismo’ pode indicar doutrina, sistema, teoria e patologia, já o sufixo ‘(i)dade’ possui caráter de neutralidade e condição do ser . Esses significados dos sufixos sustentam a ideia de que o termo homossexualismo seria preconceituoso, pois atribui uma condição patológica aos homossexuais.

Já é sabido que a palavra homossexualismo é considerada preconceituosa e pejorativa, entretanto alguns autores têm proposto que homossexualidade também não seria uma palavra adequada e propõem o uso das palavras homoerotismo ou homoafetividade para definir o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo.

Costa (1992), recomenda o termo homoerotismo e justifica que tal denominação descreve as práticas e desejos de homens e mulheres de forma plural, não se apegando apenas ao fator sexual e sim abrangendo as diversas possibilidades de sentir e de se relacionar. Homoerotismo então, diz respeito à noção de desejo e não somente ao ato sexual (apud, SANTOS 2008). No entanto, Oliveira (2006), considera que o termo homoerotismo não compreende

o aspecto afetivo e ainda estaria realçando a prática sexual. Dessa forma, Oliveira recomenda a palavra homoafetividade por acreditar que essa seria mais adequada, visto que englobaria o aspecto afetivo da relação, já que a afetividade é importante em qualquer forma de relação e tal designação afasta o cunho somente sexual.

No âmbito da psiquiatria, o Psiquiatra Krafft-Ebing em “Tratado das Psicopatologias sexuais, de 1886, estabelece que qualquer relação sexual cujo a finalidade não seja a reprodução da espécie, deverá ser considerado uma perversão sexual.(LANTERI-LAURA,apud DAMETTO;SCHMIDT,2015). Krafft-Ebing, expõe vinte e dois casos de homossexualidade para exemplificar um comportamento sexual anormal e ao considerar homossexualidade como patologia, o mesmo também propôs tentativas de cura, onde algumas intervenções propostas eram: combater os desejos sexuais, conviver com as senhoras, cumprir com os deveres de marido, evitar álcool e masturbação. (DAMETTO;SCHMIDT,2015).

Tendo em vista que o tema homossexualidade ainda desperta preconceitos e polêmica em nossa sociedade e que devido a isso muitos profissionais de Psicologia se esquivam de responder questões acerca desse assunto, consideramos pertinente buscar mais informações sobre o tema, a fim de esclarecer a posição da Psicanálise sobre o assunto. A escolha da abordagem psicanalítica dentre tantas abordagens de estudo disponíveis na Psicologia se deve ao fato da Psicanálise ser constantemente relacionada às questões da sexualidade. Além disso, a forma como Krafft-Ebing descreveu a relação entre perversão e homossexualidade frequentemente é associada à teoria psicanalítica da estrutura perversa e atribuída a Freud. Dessa forma, a escolha da Psicanálise como referencial teórico contribuirá para o esclarecimento de como a homossexualidade é percebida pela psicanálise.

Considerando que a Psicanálise é uma teoria conhecida por reformular os seus conceitos, acreditamos que é provável que um tema polêmico como a homossexualidade tenha recebido interpretações diferentes. Desse modo, supõe-se que a forma como o psicanalista interpreta a teoria psicanalítica sobre a homossexualidade influenciará a prática clínica.

O objetivo geral dessa pesquisa é investigar por meio de revisão bibliográfica como a Psicanálise discutiu a homossexualidade ao longo do tempo, considerando inicialmente a obra de Freud. Além disso, cabe discutir as possíveis divergências de ideias entre os psicanalistas e os impactos da interpretação da homossexualidade na prática clínica.

MÉTODO

A pesquisa possuirá objetivo exploratório visando o aprofundamento sobre as questões que envolvem o assunto pesquisado. De acordo com Gil (2002, p.41) “Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipótese”.

Quanto ao procedimento, recorreremos à pesquisa de revisão de literatura, buscando um contato aprofundado com a produção escrita sobre o tema proposto. Pesquisas bibliográficas ou de literatura abarcam as diversas posições sobre um problema, permitindo ao pesquisador um contato aprofundado sobre o assunto sem necessariamente ter contato direto com o fenômeno (GIL, 2002). A finalidade da pesquisa bibliográfica corresponde às necessidades da pesquisa que tem em vista investigar como a psicanálise percebeu a homossexualidade ao longo do tempo e se existiu compreensões diferentes.

Lakatos (2003), afirma que a pesquisa bibliográfica abrange bibliografias diversas podendo ser publicações escritas ou orais. Para a realização dessa pesquisa utilizaremos somente publicações escritas publicadas em livros e artigos científicos.

Tendo em vista a variação de nomenclaturas para designar a relação afetivo-sexual entre pessoas do mesmo sexo, durante o levantamento prévio de literatura buscaremos por publicações de artigos que contenham os termos homossexualidade, homossexualismo, homoerotismo e homoafetividade, além de psicanálise, sexualidade e perversão. Descartaremos artigos com enfoque em identidade de gênero e outras formas de orientação sexual que não seja a homossexualidade, assim como artigos que façam menção a outras áreas da

Psicologia, como Psicologia social, comportamental, humanista, cognitiva, dentre outras.

Referente à busca em livros recorreremos inicialmente as obras de Freud. Ceccarelli (2008) considera que as obras mais importantes que apresentam a temática da homossexualidade são: “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância (1910), O caso de Schreber (1911)⁵ e Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher (1920).” Além dessas obras, julgamos ser importante a análise do texto “Fragmentos da análise de um caso de histeria”(Caso Dora).

Quanto ao tratamento de dados será adotada a abordagem qualitativa que acredita que é mais importante buscar compreender e interpretar os fenômenos, ao invés de tentar descrevê-lo e explicá-los estatisticamente. (TOZONI-REIS, 2009). Alguns autores caracterizam a pesquisa qualitativa como um estudo de campo. Nesse tipo de pesquisa “O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70). No que diz respeito ao campo, acrescenta-se que “O campo é o lugar no qual o pesquisador coleta os dados que, interpretados discutidos e analisados, constroem os significados buscados” (TOZONI-REIS, 2009, p.25).

No caso da pesquisa bibliográfica que é o instrumento escolhido para a realização de nossa pesquisa sobre a homossexualidade. Tozoni-Reis (2009, p.25) afirma que “A pesquisa bibliográfica tem como principal característica o fato de que o campo onde será feita a coleta dos dados é a própria bibliografia sobre o tema ou o objeto que se pretende investigar”. Dessa forma a abordagem qualitativa se adéqua a nossa pesquisa que se encaminhará no “campo” bibliográfico sem pretensão de realizar investigações no campo físico e manipular dados estatísticos.

⁵ Optamos por não utilizar “O Caso Schreber”, pois o caso é associado a um quadro de esquizofrenia e não se enquadraria nos objetivos propostos em nossa pesquisa.

A NOÇÃO DE SEXUALIDADE DA TEORIA PSICANALÍTICA

Em conferências introdutórias sobre Psicanálise Freud fala sobre “A vida Sexual dos seres humanos”, e apresenta algumas tentativas de conceituar o ‘sexual’, sinalizando a dificuldade de chegar a um consenso sobre o tema já que a maioria das pessoas prefere não discutir sexualidade, pois entendem que se trata de algo secreto, impróprio e que não deve ser conversado. Em uma definição mais simples ‘sexual’ poderia ser entendido como a relação entre os dois sexos. Entretanto, se considerar o aspecto do ‘ato sexual’, definiríamos como sexual aquilo que visa à obtenção do prazer por meio dos órgãos sexuais e a união das genitais, constituindo assim o ato sexual. Mas se preferíssemos considerar o aspecto reprodutivo, teríamos que ignorar atos como a masturbação e o beijo que possuem conotação sexual, mas que não visam à reprodução. (FREUD, 1916-1917).

Segundo Laplanche e Pontalis (2001, p.476):

Na experiência e na teoria psicanalíticas, “sexualidade” não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irreduzível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc.), e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual.

Quando os autores relacionam sexualidade com atividades presentes desde a infância, eles estão se referindo a teoria psicanalítica do desenvolvimento psicosssexual elaborada por Sigmund Freud em 1905, que é dividida em fase oral, fase anal, fase fálica, fase de latência e fase genital. Cada fase representa uma organização da libido que é uma energia pulsional, em torno de uma zona erógena do corpo.

A energia pulsional corresponde a uma força interna chamada de pulsão sexual, que seria responsável por impulsionar nossas manifestações psíquicas e excitações corporais visando à satisfação e obtenção de prazer. A pulsão sexual é a base para a construção da teoria da sexualidade. (PADILHA NETTO; CARDOSO, 2012).

Percebe-se que falar sobre sexualidade é bastante complexo, pois desde sua definição já são apresentadas divergências, explorar aspectos da sexualidade relacionando com orientação sexual é uma tarefa mais difícil ainda.

A teoria popular sobre a pulsão sexual tem seu mais belo equivalente na fábula poética da divisão do ser humano em duas metades - homem e mulher - que aspiram a unir-se de novo no amor. Por isso causa grande surpresa tomar conhecimento de que há homens cujo objeto sexual não é a mulher, mas o homem, e mulheres para quem não o homem, e sim a mulher, representa o objeto sexual. (FREUD,1905, p.129).

Nota-se que Freud indica que o saber popular possui dificuldade em entender que nem sempre o desejo sexual é direcionado para o sexo oposto. Dessa forma, falar sobre as relações homossexuais contribuirá para a diminuição dessa estranheza sobre o assunto e também poderá contribuir para a diminuição de preconceitos.

CONCEPÇÕES FREUDIANAS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

O primeiro contato que temos com o tema homossexualidade na obra de Sigmund Freud está no texto “Fragmentos da análise de um caso de histeria” ou “Caso Dora” publicado em 1905. Logo nas páginas iniciais Freud recomenda que devemos “Falar sem indignação sobre o que chamamos de perversões sexuais - essas transgressões da função sexual tanto na esfera do corpo quanto na do objeto sexual”.(FREUD,1905,p.55). Freud ainda pontua que o amor entre homens que é o que causa mais indignação entre as pessoas era comum na Grécia antiga. Outra questão levantada é que todos nós de alguma forma transgredimos o limite do que se considera normal na vida sexual. Vale ressaltar que perversão para Freud não possui caráter de psicopatologia conforme foi proposto por Krafft-Ebing, para Freud o termo perversão diz-se de um desvio a norma sociocultural e seria qualquer ato que não visasse o coito.

O caso Dora consiste em um caso de histeria que chegou até Freud em 1901, Dora era uma jovem que vinha apresentando sintomas como tosse, enxaqueca e afonia. No decorrer da análise Freud associa os sintomas histéricos a uma provável sexualidade reprimida de Dora, essa sexualidade recalcada se manifestava no corpo. Freud levantou três questões sobre a sexualidade de Dora: o amor edípico pelo pai; o amor pelo amigo de seu pai o Sr. K. e o amor

homossexual pela Sra. K. que era amante de seu pai. Freud dedicou-se a buscar elementos sobre a relação de Dora com o Sr. K. e não se aprofundou na questão homossexual presente no relato de Dora. A questão homossexual pode ser observada no seguinte trecho:

Quando Dora falava sobre a Sra. K. costumava elogiar seu “adorável corpo alvo” num tom mais apropriado a um amante do que a uma rival derrotada. Noutra ocasião, mais triste do que com raiva, ela me disse estar convencida de que os presentes que o pai lhe oferecia eram escolhidos pela Sra. K. pois reconhecia seu gosto. (FREUD,1905,p.65).

Além do trecho citado, Freud percebia que Dora era incapaz de falar da Senhora K. com ira e a poupava mesmo ela sendo a causadora de seu sofrimento. Apesar de perceber a inclinação homossexual de Dora, Freud admite que não teve o manejo necessário durante o período em que esteve com Dora “Deixei de descobrir a tempo e de comunicar à doente que a moção amorosa homossexual(ginecofílica) pela Sra. K. era a mais forte das correntes inconscientes de sua vida anímica”. (FREUD, 1905,p.114).

Freud menciona sobre a temática também na primeira parte dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905). Nessa obra o mesmo expressa algumas ideias sobre a inversão, o termo inversão ainda era utilizado no discurso psiquiátrico daquela época para se referir a homossexualidade. Freud apresenta três categorias de comportamento dos invertidos de acordo com a escolha do objeto sexual. O invertido absoluto tem como objeto sexual alguém do mesmo sexo e não se interessa pelo sexo oposto, já nos chamados anfígenos ou hermafroditas sexuais o objeto sexual são os dois sexos, isto é se relacionam com homens e mulheres, no que se refere aos invertidos ocasionais, este se relacionam com pessoas do sexo oposto, mas em situações pontuais como internato e prisões acabam se relacionando com alguém do mesmo sexo. O invertido absoluto é o equivalente a homossexualidade já os anfígenos assemelham-se à bissexualidade. Além dessa pluralidade quando se investiga o comportamento homossexual, também discuti-se a relação que cada sujeito tem com sua orientação sexual. De acordo com Freud (1905), alguns invertidos aceitam sua sexualidade como algo natural e normal, já outros negam sua condição e entendem que se trata

de uma questão psicopatológica, estes que se rebelam contra a própria sexualidade são os que se submetem a algum tipo de tratamento.

Além de investigar o comportamento do invertido Freud se propôs a discutir a origem da inversão. Qual seria a explicação para o suposto desvio da sexualidade normal? Seria uma patologia, uma condição inata ou uma tendência bissexual natural presente em todos os seres humanos?. Freud descarta algumas concepções sobre a origem da inversão discordando da hipótese de degeneração que seria um desvio patológico e hereditário de um padrão primitivo que causaria uma degradação das gerações. Assim como discorda do caráter inato da inversão por considerar que essa suposição poderia explicar a inversão absoluta, mas não se aplicaria a inversão ocasional.

A explicação de que a inversão seria fruto de um caráter inato/adquirido da pulsão também é rejeitada por Freud, o mesmo rejeita essa hipótese por acreditar que a pulsão sexual independe do objeto sexual, sendo assim, a escolha do objeto sexual seja do mesmo sexo ou do sexo oposto não é inata ou preestabelecida. A ideia de que o objeto sexual “normal” do ser humano só pode ser alguém do sexo oposto está atrelada a questões socioculturais que entendem que as relações sexuais têm a reprodução como principal função. Em suma, Freud entende que a hipótese que melhor se aplica ao fenômeno da inversão é a noção de que todo sujeito é possuidor de uma tendência bissexual, ou seja, uma homossexualidade latente que pode ser externada por meio de escolha inconsciente.

Na publicação “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância” (1910) Freud expor sua análise sobre a biografia de da Vinci. A princípio Freud interpreta um suposto sonho que Leonardo da Vinci havia tido ainda quando bebê, o sonho consiste numa imagem de uma ave que ia até o berço de da Vinci e colocava a calda na boca da criança. A ave seria a representação da mãe de da Vinci e esta fantasia possuiria um conteúdo erótico, pois esta cauda representa o órgão sexual masculino e a introdução da cauda da ave na boca da criança constituiria a fantasia do ato sexual, em específico o sexo oral, esse sonho demonstra passividade, tendo em vista que este tipo de sonhos são típicos de mulheres e de homossexuais passivos.

A cauda, 'coda', é um dos símbolos mais familiares e substitui expressões referentes ao órgão masculino, tanto em italiano como em outras línguas; a situação, na fantasia, de um abutre abrindo a boca da criança e fustigando-a vigorosamente por dentro com a sua cauda, corresponde à idéia de um ato de fellatio, um ato sexual no qual o pênis é introduzido na boca da pessoa envolvida. (FREUD, 1910, p.94).

Freud alega que uma ligação muito forte com a mãe na infância acarretaria a homossexualidade nos meninos, a mãe de Leonardo da Vinci teria sido abandonada pelo pai da criança, com isso desenvolveu-se uma relação onde a mesma cuida e ama o seu filho de forma a substituir o marido pelo filho, além do mais a falta da influencia masculina na vida da criança faz com que ela tenha o desejo no objeto "errado", isto é, em uma pessoa do mesmo sexo. A criança não pode desenvolver o amor por sua mãe de forma consciente, então reprime este amor colocando-se no lugar da mãe, identificando-se com a mãe e tomando-a como exemplo, desejando assim ser parecido com a mesma. Em decorrência disso o menino se tornaria homossexual, portanto amar alguém do mesmo sexo seria uma forma de amar a sua própria imagem, uma extensão de si mesmo, pois assim poderá amar o outro da mesma forma como sua mãe o amava, desenvolvendo uma relação baseado na estrutura do narcisismo.

O caso de Leonardo da Vinci apresenta novos elementos sobre a homossexualidade como a relação narcísica com a mãe e a influencia da ausência de um modelo masculino que não foi visto nas obras anteriores.

Em "A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher." (1920-1922) Freud volta a ter contato com um caso de homossexualidade feminina. Neste caso Freud relata um caso de uma jovem que se sente atraída por uma mulher mais velha e que ao ser descoberta pelo pai a mesma tenta suicídio, fazendo que seu pai procure ajuda psicanalítica na intenção de "cura-la". O caso dessa jovem também envolve um relacionamento conturbado com a mãe que no decorrer da análise revelou ser uma das prováveis "causas" da homossexualidade da jovem.

Em psicanálise uma das hipóteses sobre a manifestação da homossexualidade é uma passagem pelo Complexo de Édipo de forma invertida, isto é, ao invés de rivalizar com o genitor do mesmo sexo, a criança o ama, a menina não abandona a mãe como primeiro objeto de amor e o menino ama o pai.

Entretanto, no caso relatado Freud percebe que a resolução do Complexo de Édipo ocorreu de forma esperada no desenvolvimento da jovem. Entretanto, após o nascimento do irmão a mesma passou a fazer comparações e percebeu a ausência do falo, dessa forma é como se os conflitos esperados na fase fálica tivessem se manifestado tardiamente no período de latência acarretando em uma perturbação no desenvolvimento psicosssexual. Além dessas questões em relação ao irmão também começa a surgir uma rivalidade com a mãe, que consiste em uma disputa velada pelo amor do pai acrescentada de uma fantasia de poder gerar um filho do pai. Freud supõe que a constatação de que não pode gerar um filho do pai fez com que a jovem se afastasse dos homens em geral, já a rivalidade com a mãe e falta de amor da mesma levou a jovem a buscar nas outras mulheres o amor que desejava receber da mãe.

No caso da jovem Freud chega à conclusão que se trata de um caso de inversão posteriormente adquirida. Porém o mesmo faz ressalvas pontuando que casos de homossexualidade envolvem questões complexas e em casos como o dessa jovem que esteve com ele por um curto período de análise não é possível fazer afirmações incontestáveis. Todavia, Freud declara que não é pretensão da Psicanálise solucionar os problemas da homossexualidade e sim investigar os mecanismos psíquicos que levam o indivíduo a escolha do seu objeto de desejo.

Assim como no caso de Leonardo da Vinci, Freud também identifica na homossexualidade feminina a fixação da figura materna e a influência da mãe no psiquismo do sujeito, do mesmo modo percebe a característica narcisista na escolha do objeto sexual.

A PERCEPÇÃO DE OUTROS PSICANÁLISTAS

A homossexualidade sempre se mostrou um assunto complexo e com variados entendimentos, até mesmo Freud encontrou dificuldade em discutir sobre o assunto. A homossexualidade não se constitui um conceito próprio da psicanálise, mas assim como hoje despertou discussões entre os psicanalistas.

Nem todo psicanalista concordou com Freud no que se refere a homossexualidade e durante muito tempo psicanalistas homossexuais não

eram aceitos nas associações de psicanálise que classificava esses sujeitos como pervertidos sexuais. Plon e Roudinesco (1998), expõem que psicanalistas como Karl Abraham e Ernest Jones adotaram uma postura discriminatória, Abraham defendia que homossexuais não poderiam ser psicanalistas, visto que a análise não os curava da inversão e Jones considerava a homossexualidade um crime repugnante.

É provável que ideias tão repressoras como as de Ernest Jones, tenha ganhado força devido a seus apoiadores importantes, Anna Freud, por exemplo, apoiava essas ideias e inclusive pretendia transformar homens homossexuais em heterossexuais dedicados a família por meio do processo de análise, contrariado assim as ideias de seu pai. Em meio a esse conflito de ideias o psicanalista que foi mais fiel às convicções de Freud foi Otto Rank que argumentou que existem homossexualidades distintas e não apenas um tipo de homossexualidade e com isso não seria válido excluir e perseguir homossexuais sem que antes analisassem cada caso (PLON; ROUDINESCO, 1998). Percebe-se que entre os membros das associações psicanalíticas existiam divergências sobre uma provável cura de homossexuais pela via da análise

De acordo com Roudinesco (2009), Melaine Klein e os adeptos da corrente kleiniana situavam a homossexualidade no campo das psicopatologias associando a homossexualidade com distúrbios esquizoides, paranoias e até mesmo uma perversão sádica. Para os kleinianos é como se a homossexualidade não existisse enquanto uma variação da sexualidade, a homossexualidade se trata de uma psicopatologia grave como qualquer outra. Apesar de Melaine Klein não se posicionar diretamente contra psicanalistas homossexuais como fez Ernest Jones e Anna Freud, suas ideias contribuíram para a discriminação desses sujeitos.

Na Sociedade Psicanalítica Norte-Americana também houve casos de psicanalistas que adotaram uma postura homofóbica em relação a homossexualidade. Edmund Berguer considerava que os homossexuais eram em sua essência pessoas desagradáveis, arrogantes, impiedosas e sem escrúpulos. Do mesmo modo, Charles Socarides acreditava que homossexuais

não sentiam angústia, uma vez que sempre estariam aliviando sua ansiedade se engajando em relações sexuais, esse pensamento de Berguer remete a noção de que homossexuais teriam um comportamento sexual compulsivo. Enquanto Berguer e Socarides expunham essa percepção discriminatória, o norte-americano Robert Stoller assumiu uma postura mais cautelosa e criticou a falta de consistência dos trabalhos psicanalíticos sobre a homossexualidade, alegando que não havia elementos suficientes para justificar a homossexualidade e comprovar que está seria uma patologia. (CECCARELLI, 2008).

Em meio às medidas discriminatórias das associações de psicanálise que acabavam inviabilizando o ingresso de psicanalistas homossexuais, Lacan foi um dos primeiros a romper com essas normas aceitando homossexuais para o processo de análise sem intenção de curá-los, bem como os aceitou como membros da Escola Freudiana de Paris.

De acordo com Roudinesco (2009), Lacan considerava que não só a homossexualidade, mas todas as formas de amor teria estrutura perversa. A perversão em Lacan representa uma estrutura universal da personalidade e não um conjunto de perversões sexuais. Além disso, Lacan entende que a perversão é uma forma de contestação da norma social.

A ideia de que todas as manifestações e desejo são perversas nós remete a fala de Freud no “Caso Dora” no qual afirma que todos nós de alguma forma transgredimos o considerado normal na vida sexual. A respeito da teoria de Lacan, Barbero (2005,p.190), coloca que “A perversão está perto da paixão e é uma estrutura baseada na relação imaginária onde prevalece o desejo de um ou do outro”.

O Psiquiatra e Psicanalista brasileiro David Zimerman entende a homossexualidade como uma síndrome, justificando que a mesma se trata de um conjunto de sinais e sintomas produzidos por diversas causas que abarcam fatores biológico-constitucionais; socioculturais e familiares; sexo e gênero sexual; fatores psíquicos. O autor ainda pontua que apesar de muitos psiquiatras e o DSM não considerarem a homossexualidade uma patologia, isso não exclui a possibilidade de algumas manifestações homossexuais serem

psicopatológica. Desse modo, existiriam homossexualidades e não somente um tipo, assim essa pluralidade transita entre o natural e o patológico. (ZIMERMAN, 2007,2008).

No que se refere a pluralidade da homossexualidade Zimerman (2008) a diferencia apresentando o conceito de “conduta homossexual” para falar das relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, considerando os apegos emocionais implicados na relação. O termo “homossexual” que é o mais utilizado recebe outro significado, para Zimerman esse termo estaria ligado a uma atividade sexual mais compulsiva, sem exclusividade com parceiros do mesmo sexo, onde o ato sexual seria um recurso para aliviar ansiedades e alterações de humor. Já a “homossexualidade latente” diz respeito aos desejos homossexuais que não foram colocados em prática. Sujeitos que tiveram relações homossexuais, mas que não adotou a prática com conduta permanente não devem ser chamados de homossexuais. Ainda de acordo com Zimerman nos casos de homossexualidade masculina comumente existe a exclusão da figura paterna, enquanto na homossexualidade feminina existe a presença de uma pai sedutor que obriga a menina a fugir e se refugiar na mãe.

A PRÁTICA CLÍNICA COM SUJEITOS HOMOSSEXUAIS

O psicanalista Paulo Roberto Ceccarelli concebeu algumas reflexões sobre a prática clínica de alguns psicanalistas quando recebem um paciente homossexual para análise. De acordo com Ceccarelli (2008) muitos cometem o erro de não escutar o sujeito e a demanda que apresentam de maneira adequada, pois ao ouvir que o sujeito é homossexual o analista volta-se para essa informação e tende a atribuir o sofrimento do sujeito a sexualidade. Ceccarelli afirma que por vezes a homossexualidade se transforma em um “cartão de visita” do sujeito mesmo que na maioria das vezes o seu sofrimento esteja atrelado ao julgamento social e não a sua orientação sexual de fato. Ao considerar a sexualidade como questão prioritária corre-se o risco de o analista ter sua atenção flutuante prejudicada, isto é, ao invés de escutar o analisando sem privilegiar nenhum aspecto da fala do mesmo, o analista possivelmente concentrará sua atenção naquilo que deseja ouvir para sustentar o pré-julgamento que fez do sujeito.

David Zimerman faz alguns apontamentos sobre a prática psicanalítica baseando-se nos seus quarenta anos de experiência profissional. A primeira recomendação é que o analista não pode ter preconceitos quanto a homossexualidade, pois corre-se o risco de o mesmo colocar os seu desejos de reverter a orientação sexual do paciente, sem que isso seja de fato uma demanda. Zimerman pontua que o mais importante é promover qualidade de vida ao paciente e que o psicanalista não pretende tratar e resolver a homossexualidade, mas sim auxiliar o sujeito a conhecer suas motivações inconscientes e lidar com sentimentos de vergonha e culpa, por exemplo. Quando surge esses sentimentos de culpa e vergonha o psicanalista deve se atentar a casos onde o paciente busca adquirir uma heterossexualidade, pois estes podem estar passando por uma grande angustia e necessitam de auxílio para reunir condições para assumir a homossexualidade.(ZIMERMAN, 2007,2008).

Uma questão interessante que é levantada diz respeito se o analista precisa ter o mesmo sexo biológico do paciente homossexual ou se o oposto é mais adequado. Zimerman, acredita que nos casos de homossexualidade masculina a análise com uma psicanalista teria mais êxito, segundo o autor na homossexualidade masculina frequentemente existe a figura de uma mãe superprotetora que produz uma estimulação narcisista, com isso a análise com uma psicanalista mulher seria uma oportunidade de reexperimentar a relação patogênica com a mãe e ressignificar a figura da mulher. Entretanto, nem todos compartilham dessa opinião, outrora se acreditava que o homossexual masculino deveria se “tratar” com psicanalistas homens, onde o analista representaria um modelo de identificação masculina para o sujeito, já que a figura paterna não era presente na maioria dos casos, mas a maioria dos psicanalistas acredita que o sexo ou gênero do analista é indiferente e que a transferência que é o principal requisito. (ZIMERMAN, 2008).

O psicanalista Antonio Quinet (2013), relata um caso de má conduta de um psicanalista durante o processo de análise com um sujeito homossexual, no caso em questão o analista incentivou o paciente a casar-se com uma mulher para reprimir sua homossexualidade acarretando em resultados desastrosos na vida do paciente. Quinet pontua que a causa dessa prática psicanalítica

errônea se deve a concepção que o psicanalista faz da homossexualidade e tal ação pode fazer com que o paciente tome aversão pela psicanálise e não se beneficie dela futuramente. O autor ainda alerta que essas concepções discriminatórias por vezes são embasadas no preconceito e em uma má interpretação da teoria Freud sobre a sexualidade.

Discordamos de Zimerman no que diz respeito ao gênero do psicanalista exercer influencia no processo de análise e entendemos que a escuta e a interpretação adequada da teoria, além da isenção de preconceitos é que seriam essenciais para a uma prática clínica adequada que visa acolher o sofrimento do sujeito independente de sua orientação sexual.

DISCUSSÃO

Com base na revisão de literatura realizada, serão pontuadas algumas breves reflexões sobre a percepção da psicanálise sobre o tema homossexualidade. Em primeiro lugar, é importante pontuar que na psicanálise não existiu um consenso sobre o tema e as concepções se mostraram divergentes, há aqueles que consideravam escolha do sexo oposto como objeto sexual algo natural, mas também existiram psicanalistas que percebiam a homossexualidade no campo das psicopatologias e até mesmo julgavam ser uma imoralidade. Tal perspectiva interferiu na aceitação de psicanalistas homossexuais nas Associações de Psicanálise.

Na obra de Freud após o mesmo analisar diversas perspectivas a que prevaleceu foi a ideia da bissexualidade presente em todos os sujeitos, Freud acreditava na existência de uma homossexualidade latente que o sujeito poderia manifestar ou não dependendo da forma como se deu seu desenvolvimento psicosssexual. Apesar dos termos inversão e até mesmo aberrações sexuais presente nos textos, Freud não chegou a conceber a homossexualidade como patologia e a utilização de tais termos se devem ao discurso que era utilizado em sua época.

Inesperadamente, encontramos textos recentes que apontam uma característica de psicopatologia na homossexualidade. David Zimerman, apesar de escrever sobre não ter preconceitos ao atuar com homossexuais na

prática clínica, demonstra ter uma visão patologizante da homossexualidade ao definir a mesma como síndrome e localiza o tema homossexualidade em seu livro “Manual de Técnica Psicanalítica”, na parte que se refere ao manejo técnico das diferentes psicopatologias.

No que se refere à prática clínica ficou evidente que a interpretação do analista sobre a homossexualidade impactará a sua prática, se o mesmo estiver revestido de preconceitos dificilmente constituirá um setting terapêutico que acolha o sofrimento do paciente.

Levando-se em consideração os aspectos mencionados percebe-se que essa discordância de perspectivas acaba servindo de combustível para a manutenção de preconceitos, já que o leigo e a sociedade em geral que for buscar informações sobre o tema poderá encontrar em figuras como Ernest Jones o argumento que precisa para justificar sua discriminação contra os homossexuais. Dessa forma, trabalhos que se propõem a fazer uma investigação aprofundada sobre as diferentes perspectivas são de grande relevância, pois apresentam através de uma escrita mais simples e acessível às ideias de Freud e de outros psicanalistas que não defendem ideias preconceituosas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos com a pesquisa confirmaram a hipótese inicial de que a psicanálise que é conhecida por suas reformulações teóricas provavelmente teria percepções diferentes em relação à homossexualidade. Percebeu-se que na Psicanálise o significado da homossexualidade é polissêmico e dentre esses significados encontram-se interpretações que estimulam a discriminação, contribuindo assim para o sofrimento do sujeito.

Notou-se que a maioria dos psicanalistas da atualidade tem se engajado para desmistificar os conceitos psicanalíticos que envolvem a sexualidade, a fim de contribuir para uma despatologização da homossexualidade de fato.

Consideramos que no atual cenário que nos encontramos no qual ainda existe muito preconceito contra homossexuais e onde o Psicólogo se vê cercado de questões sobre uma suposta “Cura Gay”, uma pesquisa que se propõe a

revisitar as concepções da psicanálise que vem a ser uma das abordagens mais conhecidas pela sociedade em geral é de grande relevância.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, S.E.S. **Sufixos-ismo e- (i) dade**: semântica e produtividade. 2012. 17 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) - Curso de Letras Português, Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/10869/1542/1/Stefanne%20Emily%20Sousa%20Araujo.pdf>. Acesso em: 16 Março. 2018.

BARBERO, G.H. **Homossexualidade e Perversão**: Uma resposta aos gays and lesbian studies-São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

CECCARELLI, P. R. A invenção da homossexualidade. Bagoas: **Revista de Estudos Gays**, v. 2, p. 71-93, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2268/1701>. Acesso em: 16 de Março de 2018.

DAMETTO, J; SCHMIDT, J.C. Entre conceitos e preconceitos: a patologização da homossexualidade. IN: VON KRAFFT-EBING, Richard **Psychopathia sexualis**. PERSPECTIVA, Erechim. v. 39, n.148, p. 111-121, dez. 2015. Disponível em: http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/148_538.pdf. Acesso em: 14 de Março de 2018.

FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário **Aurélio da Língua Portuguesa**. ed. 3. Curitiba: Positivo, 2004, p.1055 .

FREUD, S. (1917 [1916-1917]) **Conferências introdutórias sobre psicanálise, parte III, Teoria geral das neuroses**: conferência XX – A vida sexual dos seres humanos. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S.(1905 [1901]) **Fragmento da análise de um caso de histeria**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S.(1910) **Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S.(1920a) **Psicogênese de um caso de homossexualismo em uma mulher**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1905) **Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. SP: Atlas, 2002.

LAKATOS, Eva e Marconi, Marina. **Metodologia do Trabalho Científico**. 5.ed SP : Atlas, 2003.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. B. **Vocabulário de Psicanálise**. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.p.476.

OLIVEIRA, T. L. **Teoria Queer e estigma: a construção de performances homoafetivas em narrativas de histórias de vida**. Tese de Doutorado. Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ, 2006. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9085/9085_2.PDF Acesso em: 23 de setembro 2018.

PADILHA NETTO, N; CARDOSO, M.R. Sexualidade e pulsão: conceitos indissociáveis em psicanálise?. **Psicol. estud.** Maringá , v. 17, n. 3, p. 529-537,2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000300018. Acesso em: 20 de Maio de 2018.

PLON, M; ROUDINESCO, E. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

PRODANOV, C.C; FREITAS, E.C de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. Ed. Novo Hamburgo/RS: Feevale, 2013. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf> Acesso em: 04 de maio 2018.

QUINET, A. “**Homossexualidade em Freud**”, in As homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização/Antonio Quinet; Marco Antonio Coutinho Jorge (organizadores)-São Paulo: Segmento Farma, 2013.

ROUDINESCO, E. “**Psicanálise e homossexualidade-entrevista a François Pommier**”, in Em defesa da psicanálise. Textos e entrevistas reunidos por Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro, Zahar,2009.

SANTOS, I.A dos. **Narrativas de um adolescente homoerótico: conflitos do 'eu' na rede de relações sociais da infância à adolescência**. Rio de Janeiro, 2008. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9085/9085_3.PDF. Acesso em: 21 de Março de 2018.

TOZONI-REIS, M.F.C. **Metodologia de Pesquisa**. 2.ed.; Curitiba: IESDE BRASIL, 2009.

ZIMERMANN, D.E.**Psicanálise em perguntas e respostas: verdades, mitos e tabus – Dados eletrônicos**. – Porto Alegre : Artmed, 2007.

ZIMERMAN, D.E. **Manual de técnica psicanalítica**– Dados eletrônicos. –
Porto Alegre : Artmed, 2008.